

# Julieta Monginho

## A Terceira Mãe

CAMPO DAS LETRAS

A coerência de *A Terceira Mãe*, romance de Julieta Monginho, advém da dinâmica linha fragmentada que entrelaça a narrativa. Não é uma técnica fácil até pelo risco de poder dispersar o leitor. Mas a forma de intervenção das personagens e o modo como evoluem nos seus caminhos implicam uma oficina literária que sabe zelar pelo fio da meada para se aprofundarem comportamentos e encontrar-se o sentido dos diferentes tempos familiares, sociais, políticos, culturais e emocionais que alicerçam a obra, desde a II Grande Guerra até aos dias do telemóvel.

Rosalina deixa a casa dos pais aos quatro anos, separa-se dos irmãos para a tia Alice lhe dar melhor futuro. Aos 15 toca piano, fala francês, tem queda para a pintura, pássaros sobre seda, no entanto o tio Celestino, capitão, ordena: “Não se borram papéis na minha casa”. Naquela casa ninguém podia voar nem chorar. Arranja-se-lhe marido. Rosalina, mãe aos 16. (E um dia o filho Luís sem perceber se as lágrimas da mãe “secam no sorriso ou se o sorriso as esconde”). Do segundo casamento nasce Filomena na órbita do inconformismo; tem duas filhas. “Rosalina assistiu à desconjunção do polígono familiar como o observador que assiste ao abalo sísmico debaixo de um portal; ia endireitando precariamente os objectos que tinha à mão e contrapondo ao caos as contas do rosário” (pag.274).

Mulher cujos sonhos se ficam por asas pintadas, uma varanda ou janela, platonicamente amada pelo vizinho, Rosalina deseja que

filha e netas (admiráveis as páginas que personificam a neta Joana) consigam perceber a vida “ (...) com a sua demorada paz (...) ”.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*